

## MEMÓRIAS DE UM CAPELÃO DE PRESÍDIO

PE. PAULO CHAVES S. J.

*O presente artigo é o depoimento autêntico de alguém que viveu o problema penitenciário brasileiro em sua crua realidade. Não visa a criticar pessoas ou administrações, mas chamar a atenção para as deficiências mesmas do sistema, através de um testemunho baseado na vivência pessoal. O sistema é de tal ordem que, nêle, as melhores intenções se corrompem. Tornou-se uma escola de crime e um estímulo à degradação moral e humana. Em 1957, uma comissão foi nomeada pelo então Ministro da Justiça, Dr. NEREU RAMOS, para elaborar o Código Penitenciário Brasileiro. O trabalho foi levado a bom têrmo, porém não passou de mero projeto, como tantos outros: deve fazer esquecido na escrivaninha de algum parlamentar ou chefe de seção. Possa o depoimento aqui divulgado recolocar em pauta um problema grave e urgente, de profunda significação humana e moral.*

**E** STAMOS numa colônia penal, numa bela e grande ilha do Oceano Atlântico, a trinta quilômetros de água do centro civilizado mais próximo. Entre 1.200 detentos, somos também um dêles. Vivemos, como sacerdote, o drama íntimo de cada um, o isolamento social, a falta de família, todo um passado que, se não justifica, talvez explique um crime, todo um presente em condições de vida infra-humana. Haverá um futuro?

No élan de progresso e desenvolvimento, à imitação de povos sòlidamente prósperos e desenvolvidos, nossa sociedade progride assustadoramente em tudo que diz bem-estar e

confôrto material, permanecendo, entretanto, a mentalidade geral e o espírito, estagnados em séculos de atraso, com isso acarretando o desequilíbrio econômico e social do país. A situação da criminalidade, tanto juvenil como adulta, e, mais ainda, o sistema de recuperação dos criminosos, é problema de suma gravidade. Urge que a êle seja dada importância especial.

Falaremos de um estabelecimento penal num grande centro: pêso e medida do que, no gênero, há de melhor no país.

#### FUNCIONARIOS E POLICIAIS

A maioria dos habitantes da Colônia Penal da Ilha Grande é formada pelos "internos"; num total de 700, são enviados à ilha por castigo de mau comportamento na Penitenciária do Rio de Janeiro. A surpreendente percentagem de 90% dêsses criminosos passou pelo famoso Serviço de Assistência a Menores. . . Outros vieram das favelas. E quase todos são analfabetos. Além dos presos, há os funcionários que, com raras exceções, são rudes, mal-educados e brutos, sem formação moral de espécie alguma. Dividem-se em dois grupos distintos: os gaúchos, vindos da fronteira com a Argentina, gente de "faca na bota", muito ruim e ignorante, e os pernambucanos, êmulos dos primeiros, vindos da ilha de Fernando de Noronha. Rivalizam-se tremendamente; há política e mexericos. Entre êsses funcionários, há alguns ex-detentos. Há os apadrinhados, que lá estão fugidos da autoridade policial ou judiciária, como é o caso de um cunhado do Vice-Diretor, que em Pernambuco foi perseguido por duas mortes e crime de lenocínio. Na Ilha Grande, atirou num colega, deixando-o paralítico, violentou duas môças e matou um detento. Inútil acrescentar que nada aconteceu a êste homem.

Entre os rapazolas, os "caipiras" naturais da ilha, são escolhidos os policiais. Alguns, os de mais estudos, chegaram até o quarto ano primário; daí em diante, até os 18 anos, viveram como ainda vivem os rapazes da ilha, à toa, sem trabalho, jogando bola, traficando maconha e cachaça com os presos.

Detentos e funcionários acalentam propósitos de fugir da ilha, aquêles esperando a *chance* de uma canoa esquecida na praia, de uma balsa improvisada, êstes contando com o "pistolão". As dificuldades, no entanto, são rigorosamente iguais para os dois grupos. O servidor destacado para as colônias sabe de antemão que só em circunstâncias excepcionais conseguirá transferência para a Penitenciária Central.

Financeiramente, a vida dos funcionários chega a ser compensadora. Os mais categorizados ganham muito bem; os guardas, razoavelmente. Vivem com conforto e têm dinheiro. Podem requisitar quantos presos queiram para seu serviço doméstico, desde que se responsabilizem pelo indivíduo. Apesar de tudo, reina entre êles profunda insatisfação, o que favorece os desmandos, o jôgo e a imoralidade.

#### O JÔGO

Os presos, de modo geral, têm alimentação farta, roupa, calçado e casaco de lã. A grande maioria, embora não seja obrigada a isto, trabalha e recebe um pecúlio, um têrço do qual é depositado na Caixa Econômica. Com o dinheiro que recebem, pagam multas e suavizam suas necessidades, comprando o que lhes falta. Há os que conseguem economizar; há os que tudo perdem no jôgo, há o roubo, trabalho dos que não querem trabalhar.

O jôgo, embora proibido, é diário. Os que fabricam os baralhos — diga-se de passagem que a matéria-prima dessa indústria é o papel timbrado oficial. . . — merecem o título de "reis do jôgo". Geralmente são também peritos no jôgo do "cunca" e sabem o segredo de nunca perder. . . Sobre o roubo, vale contar um episódio. Certo prêso, requisitado para trabalhar na casa de um funcionário, notou que êste roubava grande quantidade de material do almoxarifado e do rancho dos internos, depositando tudo num barracão atrás de sua residência. Aconteceu que o funcionário foi chamado ao Rio. O prêso aproveitou a oportunidade e roubou o ladrão, vendendo o material na casa dos outros funcionários. Voltando do Rio, o "lesado" descobriu a trama e quis castigar o prêso. O caso chegou à Diretoria. No inquérito, o detento declarou tudo o que o seu patrão havia roubado do

presídio e acusou um por um os funcionários que lhe haviam comprado a mercadoria embora sabendo-a roubada. Como de costume, o inquérito foi abafado. . .

#### AMBIENTE SOCIAL

É doloroso o ambiente social da colônia. Nada há que os una, uns aos outros. Esporadicamente, talvez um laço de família ou uma amizade muito antiga. Vivem separados, entre rixas, inimizades, ódios, ciúmes. A assistência social é nula e a assistência médica e dentária é mínima e elementar. Um médico e um dentista para atender a todos, funcionários e suas famílias e os detentos. Se o médico viaja, é substituído por um bisonho enfermeiro cujas atribuições mal podem ir até um curativo superficial. Se o médico está presente, faltam-lhe os recursos necessários, o remédio prescrito não existe, o aparelho de Raios X não funciona. Dos internos, 40% são tuberculosos ou sífilíticos. Outros arrastam dores ou necessitam de intervenção cirúrgica. Um detento, certa vez, pediu-nos que intercedêssemos por êle, e, despindo-se, mostrou-nos uma hérnia do tamanho de uma laranja; havia dois anos que se encontrava nesse estado.

Grande é o número dos desajustados e a vida da colônia está longe de se aproximar do mínimo exigido para a sua recuperação. As oficinas, a rigor, só servem para a feitura clandestina das armas, usadas nas sangrentas brigas dos internos.

A assistência escolar é dada aos presos apenas por um professor, homem honesto e esforçado. Leciona música e alfabetização. Para os funcionários e suas famílias, existe um escola primária, depois do que as meninas se recolhem ao serviço caseiro e os meninos ficam na rua, batendo bola e molecando, tornando-se atrevidos, maus, viciados. Depois dos 18, tornam-se também funcionários. Ou policiais. . .

#### BAIXO NÍVEL MORAL

De modo geral, o nível moral é muito baixo. Não há respeito pela pessoa, pela honra ou pela família do próximo. Entre os funcionários é comum a infidelidade. Para êles, o prêso é um animal indigno de qualquer consideração. Os

guardas, na falta de autoridade moral, recorrem à força bruta. Por motivos fúteis e até sem motivo, por puro capricho, "barbarizam" um detento com cacetes de borracha. Houve o ruído caso de um prêso que foi pilhado com uma lista de corridas de cavalos. Foi o suficiente para que lhe batessem tanto no rosto e na cabeça que um olho quase saltou fora. A ameaça de cegueira fêz com que o médico comunicasse o caso ao Diretor. O detento foi enviado ao Rio para ser medicado, com ordens expressas de não se comunicar com ninguém.

Entre os condenados, o lema é "defende-te como pudeses". Tudo serve de arma; nas revistas são encontradas facas de palmo e meio, ferros ponteagudos "para fazer furos", cacos de garrafa. Usam têrmos próprios para estabelecer uma hierarquia de degradação moral. São chamados "cães", os mais valentes, que impõem suas vontades e seus propósitos geralmente infames à coletividade. Para merecer o epíteto, o prêso tem que dar provas cabais de valentia e perversidade. Como ilustração do nível de monstruosidade dêsses homens, vale contar o que sucede aos novos detentos. Mal descem da viatura, são escolhidos pelos "cães"; quando dois "cães" escolhem o mesmo prêso, o caso é resolvido a faca. Daí por diante, o vencedor é o depositário da honra do disputado, cuja vida se transforma num verdadeiro inferno. Se concordar com os propósitos infames, terá proteção contra os outros presos; caso contrário, será submetido a tôdas as formas de violências, até a desonra. É chamado de "boi" o que aceita esta desonra por imposição. "Paca" é o que se adapta à degradação total e absoluta. Constituem êstes um bando de renegados. Entre êles estão "as mulheres"; conseguem dos guardas cela individual, que enfeitam com flôres, chitas e fitas, e onde fazem seu comércio. Alguns andam com roupas femininas, oxigenam o cabelo, adornam-se com flôres; são conhecidos por "Madame Satã" ou "Rosinha". Certo é que os guardas protetores entram na percentagem dêsse comércio. Certo é que existe os que disputam com os internos os novos presos.

É incontável o número de assassinios entre os próprios condenados. Contaram-nos a história de um que, certa vez, quando subia uma escada, foi "furado" pelas costas, na al-

tura do pulmão, e, ao se virar, recebeu golpe semelhante no peito. Sobreviveu. Aguardou-se para ajustar as contas pessoalmente. Um dia, estava quebrando pedras no morro e viu, pouco abaixo de seus pés, a cabeça do desafeto. A marrêta de dez quilos caiu com fôrça sôbre ela, esmigalhando-a. Inquirido pelo guarda por que fizera aquilo, o criminoso apenas respondeu: — “Deu-me vontade. . .”

Uma das mais sérias desgraças da ilha é a maconha. Por um cigarro da erva maldita, vendido a Cr\$50,00, acontecem crimes hediondos. Lá está um homem, cego de um ôlho, bôca torta e nariz defeituoso; para obter um cigarro, outro detento partiu ao meio uma garrafa e enfiou fundo no rosto do primeiro as pontas quebradas. Sabe-se de um guarda, conhecido como maconheiro, que diz fazer Cr\$30.000,00 por quilo de maconha vendido nas galerias.

É comum também que se intoxiquem com cocaína e morfina, roubadas da farmácia. Quando lá estávamos, um rapaz dormiu quatro dias a fio sob o efeito de uma dose de cocaína. Foi então constatado o roubo de quilo e meio de cocaína em pó, avaliado em um milhão de cruzeiros. Embora sendo óbvia a conivência dos funcionários, êles não compareceram aos interrogatórios.

#### O PROBLEMA RELIGIOSO

Não é difícil avaliar em que condições espirituais e religiosas vivem os presos na Ilha Grande. Podemos medi-las pela frase com que nos recebeu um funcionário, exatamente o mais velho, o mais bem remunerado, e o mais vadio: “Está trabalhando muito, padre? Aqui o Sr. não fará muito. Nós somos gente ateu e à-toa” (*sic*).

Religião é assunto que não interessa. Os católicos o são de nome. Não praticam. Grande número são protestantes, e se reúnem sob a denominação de Assembléia de Deus. A êste grupo pertencem principalmente os policiais; o pastor é um sargento. São bem servidos, os “bíblias”. Por isso poucos são os sinceros. Um dêles, certa feita, confessou-nos ser católico e acrescentou: “Moro com os “bíblias” porque lá se está melhor e a gente se livra de muita coisa ruim.”

Para os internos, com raras exceções, a religião nada mais é que uma condição social. Grande percentagem se diz

católica e isso consta da ficha. A Igreja é, na falta de outro, o centro social para cerimônias externas, que se resumem em batizados, casamentos e, raramente, alguma missa fúnebre. Ouvindo-se as anedotas que sôbre o padre contam os detentos e os funcionários, vê-se que êle não tem nenhum prestígio na ilha, que é usado antes como mediador, para os males do corpo, que na qualidade de Ministro de Deus.

#### UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA

Aí está o que encontramos na Colônia para uma catequese de um mês. Ali passamos as férias. Ali passamos um Natal. Vale dizer que foi difícil ganhar a confiança dêsses homens. Tudo começou num grupo de sete, por um maço de cigarros. . . Interessaram-se na discussão de problemas religiosos, informaram-se a nosso respeito, convidaram-nos para nova palestra. Estava ganha a primeira batalha.

No dia seguinte corria pelo rancho a fama de um padre que "não tinha medo de discutir com ninguém" e que havia sido visto disputando uma "pelada". Daí, não custou muito, breve passamos a juiz de campeonato de futebol. Houve oportunidade para uma preleção sôbre a importância do esporte como fator de disciplina e na recuperação dêles mesmo.

O esporte abriu-nos a porta do cubículo dos "bíblias", dos espíritas, dos umbandistas. Com os primeiros conversamos horas sôbre as Escrituras. Fizemos conferências. Conquistamos-lhes a amizade.

Aos poucos nos fomos tornando familiar entre os presos, funcionários, guardas e policiais. Fizemos de tudo. Fomos enfermeiro, juiz de futebol, apartamos brigas, presidimos sessões no clube dos internos, benzemos altares e santos, ouvimos confidências.

No salão do clube por quatro vêzes celebramos missa para os detentos. Na primeira, apenas trinta compareceram. Gostaram do sermão. Nas seguintes a freqüência aumentou.

Passou o mês. No dia da despedida, um prêso passou-nos um bilhete durante um apêto de mão. Dizia: "Adeus, seu padre. Que Deus o traga de volta o mais breve possível. Sofro por saber que tão cedo não serei cumprimentado com um sorriso sincero e amigo como o seu. Cada riso aqui é

um convite à morte. Logo que o sr. possa, mande pelo correio uma imagem de São Judas Tadeu. Sem êle nada sou (caso o sr. não tenha imagem, mande um quadro). Muito obrigado, sr. padre. Que Deus lhe conceda tudo aquilo de bom que o sr. almeja realizar no futuro juntamente com os seus" (Assinado: CARLOS PINTO.)

Nas férias seguintes, voltamos. Se outros não houvesse, a alegria dos internos ao nos rever, seria prêmio bastante. Encontramos nova administração. O Diretor era agora um jovem capitão de polícia, homem afeito ao quartel, se bem que de fina educação. Homem vaidoso e orgulhoso, dava valor apenas às próprias idéias. Confiava na administração que imprimia à Colônia. A realidade era, entretanto, bem negra. Começara por introduzir nos corredores, como guardas, soldados de polícia que, muito jovens ainda, sem autoridade moral, além de sumamente ignorantes, usavam de métodos bárbaros com os detentos. Por ordem do Diretor foi também construído um muro alto, isolando os presos em área diminuta, por êles denominada significativamente de "curral de éguas". Foi igualado o tratamento para todos os condenados, desaparecendo com isto todo o incentivo para o bom comportamento.

De trágicas conseqüências foi a ordem dada em boletim, proibindo aos guardas as surras de borracha, acrescida da ressalva de que, em defesa própria, poderiam até atirar para matar. Óbvio é que o número de espancamentos aumentou. E o pretexto é a legítima defesa. Quem irá contestar? O prêso? Certa vez fomos testemunhas das injúrias de um policial a um dos detentos. Estava bêbado o guarda. Éramos quatro homens e custou-nos dominá-lo. Quis atirar no prêso. Protestamos ante o Diretor. O prêso teve cinco dias de cela. O guarda entrou de serviço no dia seguinte, às oito da manhã.

Outra medida do Diretor mal recebida pelos internos foi a de trabalhos forçados para os que saíam da cela de castigo. Vimos homens trabalhando em fila, sob a vista de guardas armados de cacetes. Vimos homens quebrando e transportando pedras enormes, para a construção de uma reprêsa absolutamente inútil. O trabalho os obrigava a entrar nágua até o peito, com chuva ou sol, saudáveis ou

doentes. Intercedemos por um que sentia dores horrorosas e que acabou na enfermaria, vítima de reumatismo articular. Um prêso, com oito anos de casa sem uma única repreensão, afirmou-nos: "Tenho 40.000 tijolos para queimar, mas se o Diretor continuar a utilizá-los para construir currais em vez de melhorar os cubículos e terminar o cinema, vou sabotar o serviço e não trabalho mais."

Cada vez mais sentíamos a confiança dos presos em nós. Nossa amizade se aprofundava dia a dia. Aumentavam os convites para que presidíssemos reuniões; participávamos de jogos. Já nos conhecíamos realmente. Mais uma vez, as férias terminaram. Despedimo-nos até o fim do ano.

Vésperas de Natal. Outra vez navegamos em direção à ilha, levando um caixote e três malas cheias de presentes. Organizamos no clube dos internos a nossa festa de Natal, que terminaria com a Missa da meia-noite. Foram eles que armaram o altar e o presépio. Foram eles, um grupo de quinze, que entoaram os cânticos do Natal. No dia 25, passeamos pela Colônia com cento e dez detentos, sem que fôsse necessário guarda. Nosso trabalho surtia efeito.

Mas, nem tudo foram alegrias. Houve também neste dia um crime de morte. "Bambaia", o maconheiro, fôra assassinado por um companheiro, que já liquidara dois outros com uma tampa de ferro de um ralo. A briga surgiu quando estavam os dois escalados para cortar lenha no mato, junto com outros vinte e dois. Hora do almoço. Todos descansavam do machado e da foíce, exceto o criminoso. Alguém lhe pediu um cigarro. Deu. Foi quando "Bambaia" lhe disse: "E eu, não ganho?" E o primeiro, levantando o machado, retrucou: "Para você tenho isto" — e soltou a arma. O golpe tonteou "Bambaia". Chegando perto, o criminoso decepou-lhe a cabeça com duas machadadas. Os vinte dois homens que ali estavam apenas olhavam.

Posteriormente, visitamos o isolamento onde se achava o criminoso. Recebeu-nos festivamente. E pediu: "Padre, o senhor me arranja uma medalhinha de São Jorge?" Muita devoção e nenhum remorso. . .

Nesta mesma época ocorreu outro caso impressionante. Havia na Colônia um rapaz alto, negro, forte, que pelo seu tipo físico mereceu o apelido de "Trator". Saído das favelas

do Rio e condenado por vários furtos e tentativas de assassinio, era um homem rude e mau. Detestavam-no os companheiros, aos quais infringia maus tratos, às vezes por motivos ignóbeis. Certa vez soubemos que era católico e batizado. Resolvemos convidá-lo para as reuniões dos catequistas. Mostrou-se fiel e entusiasmado. Acreditamos na sinceridade dêle.

Acontece que entre "Trator" e um outro, conhecido por "China", havia uma rixa antiga. "China" era de baixa estatura e fraco; sempre levava a pior e certa vez foi até esfaqueado por "Trator". Esperou a ocasião para uma vingança, que surgiu num dia em que "Trator" dormia tranquilamente. Com uma faca roubada do almoxarifado, "China" apunhalou o negro quatro vezes, atingindo-lhe os dois pulmões. Ainda assim, "Trator" lutou com seu agressor. Os guardas acabaram com a luta, recolheram "Trator" à enfermaria e "China" à cela do castigo. O estado do primeiro era desesperador e o médico deu-o por morto. Conhecendo seu estado, "Trator" pediu um padre. Sua impressionante resistência física conseguiu recuperá-lo. Hoje é um bom prêso, dando a todos o exemplo de um ótimo comportamento.

Mais uma vez, terminavam nossas férias. De um amigo que fizemos, que se dizia a princípio comunista e ateu, recebemos numa despedida *sui generis* o prêmio que desejávamos. O bilhete dizia: "Padre PAULO: Na impossibilidade de ser dado pessoalmente o meu abraço, êste o fará por mim. A amizade é uma coisa difícil de ser feita, ainda mais quando é feita com um Ministro de Deus, de quem sòmente recebemos bons e sábios conselhos. Assim sendo, sinto-me honrado em ter adquirido uma sólida e real amizade. Algum dia espero em Deus receber e ouvir os conselhos amigos de Padre PAULO em outras circunstâncias e situação. Aceite o verdadeiro e sincero abraço de MAURICIO GIORGIOVICH".

#### CONCLUSÃO

Sabemos que o Brasil tem problemas graves e urgentes a reclamarem as atenções dos responsáveis. Só não sentem a gravidade e urgência do nosso problema penitenciário os que dêles não têm uma idéia nem sequer livresca. Nossa inten-

ção, trazendo êste depoimento pessoal, foi simplesmente chamar a atenção para êsse aspecto da vida brasileira. Nossas cidades se tornam uma escola de crimes e os criminosos, caídos nas malhas de um sistema penitenciário desumano e arcaico, delas saem, quando saem, muito melhor preparados do que entraram, para continuar sua triste carreira. Não é possível, por mais tempo, desconhecer o problema.